

A GIGARRA

Luciana Santana

cantadeira

Ilustrações:
Cayo Ogam

**PRAZER
DE
LER**
Acreditando no futuro do Brasil





A GIGARRA

Luciana Santana

cantadeira

Ilustrações:
Cayo Ogam



**PRAZER
DE
LER**
Acreditando no futuro do Brasil



A CIGARRA

cantadeira

Luciana Santana

Ilustrações

Cayo Ogam

Editora

Iêda Rocha

Revisão

Equipe pedagógica

Direção de Arte

Wilton Carvalho

Projeto Gráfico

Wilton Amaro

Coordenação Editorial

Editora Prazer de Ler

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

S232c Santana, Luciana, 1980-
A cigarra cantadeira / Luciana Santana; ilustrações:
Cayo Ogam. – Recife: Prazer de Ler, 2017.
16p. : il.

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.
I. Ogam, Cayo, 1985-. II. Título.


CDU 869.0(81)-93
CDD 808.899 282

PeR – BPE 17-574

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

ISBN: 978-85-8168-619-6



A colorful illustration of a tree trunk with a blue door and window. In the foreground, two ants wearing glasses are looking at each other. One ant is larger and has a red body, while the other is smaller and has a green body. They are both wearing blue-rimmed glasses. The background shows a blue sky and green leaves.


No quintal da casa de vovó Lourdes tinha um pé de tamarindo. Naquela árvore havia um tronco seco, dentro do tronco morava uma cigarra cantadeira. Vovó falava que aquela cigarra vivia ali havia mais de cem anos.

A cigarra era cantadeira de nascença e passava os dias a cantarolar as mais belas cantigas que já tínhamos ouvido em nossa vida.

Muito tempo se passou, a cigarra estava velhinha e já não cantava como antes. Um dia, ela escorregou do tronco onde morava e caiu em cima de um formigueiro, onde vivia uma formiga ranzinza.

A formiga era conhecida por todos os moradores da casa e do quintal por suas mordidas. Ela não perdoava nem mesmo os filhotes de Dona Carijó, botava qualquer um para correr a mordidas, eu que o diga.





A pobre cigarra foi levantando devagar, tomada por uma tosse sem fim, e bateu na porta do formigueiro: TOC, TOC, TOC. No terceiro TOC, a formiga abriu a porta e disse com voz irritada:

— Quem é?

— Sou eu, Dona Cigarra, sua vizinha. Por favor, ajude-me!

Sei bem quem você é —, respondeu a formiga com a voz muito irritada. — Estou cansada de ouvir suas cantigas enfadonhas aqui do meu formigueiro.

— Desculpe se a incomodei —, respondeu a cigarra.


A formiga interrompeu e disse:

— Pois fale logo. O que lhe traz aqui?

— Levei um tombo e destronei a perna, por favor, ajude-me.







A formiga olhou para a cigarra com cara de pouco caso e respondeu:

— Até ajudaria, mas estou ocupada.

Na verdade, a formiga estava próxima ao formigueiro com uma bengala na mão tentando derrubar uma casa de maribondos.

A cigarra foi embora devagarzinho segurando aqui e ali, até encontrar-se com o lagarto que também vivia no quintal.





— Comadre, o que houve? — Perguntou o lagarto assustado ao ver a cigarra mancando.

— Compadre, caí do tronco enquanto cantava e destronquei a perna. O lagarto segurou no braço da cigarra e levou-a para casa. No meio do caminho, ouviu-se um grito:

— **SOCORRO! Por favor, alguém me ajude!**

Era a formiga, ela pulava, sacudia a saia, rolava no chão, foi um verdadeiro Deus nos acuda no quintal de vovó.



A cigarra, mesmo mancando, aproximou-se e disse:
— O que aconteceu?
A formiga, ainda pulando, respondeu:
— A casa de maribondos caiu e eles me picaram.
O lagarto e a cigarra levaram a formiga nos braços até o galinheiro, pois Dona Carijó mantinha um pote de água fresquinha na entrada.





A princípio, Dona Carijó não queria deixar a formiga mergulhar no pote. A galinha lembrou-se das mordidas que seus pintinhos haviam levado, mas ao ver o desespero da formiga, cedeu o pote de água e levou folhinhas de eucalipto e manjericão para aliviar a dor.

A formiga pulou dentro do pote e ali ficou, refrescou-se por um longo período enquanto olhava para o céu. Ela saiu do pote aliviada e agradecida pela ajuda recebida na hora da aflição.







A formiga foi embora de braços dados com a cigarra e o lagarto. Desse dia em diante, ela aprendeu a lição que devemos fazer o bem e sempre ajudar o próximo, amanhã poderemos precisar de ajuda.





Luciana Santana

Meu amor aos livros e às histórias começou na infância. Nasci em uma família numerosa, somos seis filhos, e por isso minha casa estava sempre cheia. Recordo que, à noite, após o jantar, minhas irmãs e eu costumávamos sentar na frente da nossa casa para contar e ouvir histórias. Essa foi minha primeira fonte de inspiração. Escrevi a minha primeira história aos cinco anos e não parei mais. Cresci, tornei-me educadora e hoje os livros e as histórias fazem parte da minha vida. Naturalmente, dedico este livro à minha família, especialmente a Ana Beatriz, minha filha, constante fonte de inspiração.

Cayo Ogam

Assim como toda criança ativa do interior, cresci em meio a brincadeiras e peraltices criativas que só o universo infantil permite. Filho de artesãos, convivi desde muito cedo com as artes manuais. Sou escultor e desenhista por essência, apaixonado por artes plásticas, ator e íntimo das demais modalidades cênicas e artesanais. Dessa forma, considero-me um artista versátil e moderno. Divirto-me fantasiando os pensamentos das crianças e dos adultos com historinhas infantis e aventuras teatrais que também escrevo.



No pé de tamarindo do quintal da casa da vovó Lourdes vivia uma cigarra cantadeira. Diariamente, ela entoava as mais belas cantigas para alegrar a todos que viviam por ali. Certo dia, a cigarra caiu do tronco e machucou a perna. Foi à procura de ajuda, mas não teve apoio imediatamente, porém seguiu mancando até encontrar quem pudesse ajudá-la. Enquanto caminhava para casa, aconteceu um fato que a fez esquecer sua dor para cuidar de quem estava precisando. Leia e descubra como tudo aconteceu.

REFERÊNCIA DA EDITORA – 40.702

ISBN 978-85-8168-619-6



9 788581 686196 >

